

## A misteriosa chama: memórias do fascismo na obra de Umberto Eco

Andreza Santos Cruz Maynard\*

**Resumo:** Esta comunicação se debruça sobre o romance “A misteriosa chama da Rainha Loana”, do escritor italiano Umberto Eco. O texto narra o drama de Yambo, um livreiro que perde a memória e tenta, a todo custo, recuperá-la. A partir das tentativas do protagonista em acessar os “palácios” e “cavernas” da memória, Eco apresenta ao leitor indícios da vida italiana sob os auspícios do fascismo. A obra revela o orgulho em ter Benito Mussolini como o Duce, as canções dos jovens balillas, as dificuldades encontradas quando a Itália entrou em declínio militar e passou a perder uma derrota após a outra. O romance é permeado por diferentes fontes que funcionam como catalisadores da memória de Yambo. Através da obra, é possível identificar aspectos da vida europeia nos anos 1930 e 1940.

**Palavras-Chave:** Literatura, História, Fascismo.

**Abstract:** This paper analyses the book “The Loana queen’s mysterious flame” writing by Umberto Eco. The text is about Yambo’s life, a bookseller who loses his mind and tries to keep her back. In these experiences, Eco present signs from Italian’s life at the fascist’s age. Across the book, is possible see some European lives’ aspects between 1930 and 1940.

**Key-words:** Literature, History, Fascism.

Embora eu saiba que de uma planta brota uma flor, continuo surpreendida com os caminhos secretos da natureza  
Clarice Lispector

Umberto Eco é autor de romances, mas não é só isso. Teórico da semiose ilimitada, sua produção é heterogênea e perpassa a literatura, a filosofia, a história, a psicologia e a ética. Na obra “A misteriosa chama da rainha Loana”, por exemplo, Eco mescla diferentes campos do conhecimento, principalmente a História e a Literatura.

A aproximação os dois saberes já não é um tema desconhecido do meio intelectual. Há algum tempo que historiadores e literatos debatem as aproximações e limites dessa relação, de um lado tentando tornar a aproximação mais bem vista, e por outro lado, procurando delimitar espaços de poder.

Tentando esclarecer a afinidade entre História e Literatura, Sandra Jatahy Pesavento pontua que “uma narrativa é o relato de uma seqüência de ações encadeadas e, na clássica definição de Aristóteles, a História seria a narrativa do que aconteceu, distinta da literatura,

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco.

que seria a narrativa do que poderia ter acontecido” (PESAVENTO, 2004: 49). Nesse sentido, o romance de Eco parece ser um interstício, pois se trata de uma ficção, a invenção de uma trama, mas essa narrativa está permeada por imagens, canções, partes de livros, jornais, revistas e quadrinhos trazidos ao leitor como “prova” de que, ao menos parte do que está sendo narrado, realmente ocorreu.

A história, enquanto memória coletiva, que aparece no romance não é uma criação de Eco. Ele criou personagens e situações individuais que usam os acontecimentos políticos como pano de fundo para seus dramas pessoais. Assim, boa parte do romance se refere às memórias da infância do personagem principal, durante o auge do fascismo na Itália. Aparecem referências a Benito Mussolini, o Duce, como o líder político, o que não é invenção. Já a relação do personagem com o Estado Fascista é fruto da imaginação de Eco.

Considerando o fato que se trata de um romance, o trabalho procura elementos em “A misteriosa chama da rainha Loana” que permitam estudar o fascismo na Itália entre as décadas de 1930 e 1940. É preciso ressaltar que a obra não foi escrita durante a 2ª Guerra Mundial, ou num período posterior próximo ao conflito. Sendo assim, o texto de Eco será tomado para análise enquanto um registro de sensibilidade sobre os anos em que a Itália viveu o auge do regime fascista.

Em linhas gerais, o livro conta a história de um livreiro de 59 anos de idade, Yambo que perdeu a memória após um acidente. A trama começa a se desenrolar em abril de 1991, na cidade de Milão, Itália, e mostra o esforço de Yambo para recuperar sua memória individual. A partir de vestígios do passado ele procura reavivar suas experiências da infância e adolescência. Ocorre que esta fase é justamente a da emergência da 2ª Guerra mundial, já que o personagem nasceu em dezembro de 1931. Coincidência ou não, Umberto Eco nasceu em 1932 na Itália e vivenciou a presença do Duce no poder.

O romance está dividido em três partes. Na primeira Eco apresenta o personagem principal, seu drama, a família, o trabalho e os possíveis amores do passado. A perda de memória atormenta Yambo, que precisa redescobrir o mundo, e apesar de vestir-se, caminhar e falar sem problemas, ele não lembra de situações e pessoas que fizeram parte de sua vida. Em seguida o romance apresenta as reações de Yambo diante de evidências que o ajudam a reavivar sua memória. Um aparelho de rádio, músicas, revistas e jornais com conteúdo fascista encontradas na casa de campo em Solara, bem como as histórias arrancadas da empregada, Amália, são peças que Yambo tenta encaixar no quebra-cabeça da memória. Na última parte do livro Yambo tem uma recaída e volta a ser hospitalizado. Em coma ele finalmente começa a lembrar de experiências que viveu durante os anos da 2ª guerra mundial,

mas num dado momento os personagens de quadrinhos começam a se misturar sem ordem em sua mente.

Ainda no início da obra, Yambo aparece recuperado do acidente e resolve passar um tempo na casa de campo, em Solara. No sótão ele encontra discos, revistas e quadrinhos que lhe remeteram à infância, mas uma dúvida começa a pairar quando encontra caixas etiquetadas: “Fascismo, Anos 40, Guerra”.

Em suas buscas, descobriu caixas com alguns números da revista “A Defesa da Raça”, nascida em 1938. O periódico trazia “fotos de aborígenes comparadas às de macaco” (ECO, 2005: 189), e poesias sobre o Duce comparando-o a Júlio César. Apareciam também moças de “pura raça italiana, de seio generoso e curvas macias, esplêndidas máquinas de fazer filhos, opostas às ossudas e anoréxicas misses inglesa e à mulher-crise de plutocrática memória” (ECO, 2005: 191). Yambo encontrou também notícias de jornais sobre as reações da multidão ao discurso de Mussolini declarando a guerra, dia 10 de junho de 1940. O material organizado pelo avô levanta suspeitas sobre a posição da família diante do momento político. Yambo se pergunta se seu avô era fascista.

Nem todos os autores que tratam do fascismo chegam a um acordo sobre um conceito. De modo geral os historiadores apontam que a palavra italiana *fascio* (união do feixe de varas que era carregado pelo magistrado na Roma antiga e que significavam autoridade). A palavra fascismo está “associada ao movimento político fundado no dia 23 de março de 1919, em Milão”. Esta é a mesma cidade em que reside o personagem do romance de Eco. Benito Mussolini era o líder dos fascistas, que se manifestavam “através da organização dos *fasci di combattimento*, constituídos basicamente por antigos combatentes da Primeira Guerra Mundial” (FALCON, 2008, 13). Esse movimento político ideológico se torna, a partir de 1922, o regime político que vai ser a base para a construção de Estado fascista na Itália.

Para Francisco Carlos Teixeira, estudioso do assunto, o fascismo não se limitou à Itália de Mussolini, ou à Alemanha de Hitler. O autor toma o conceito de forma abrangente e acredita que o(s) fascismo(s) seria “o conjunto de movimentos e regimes de extrema direita que dominou um grande número de países europeus desde o início dos anos 20 até 1945” (SILVA, 2005: 112). Segundo ele, as particularidades dos fascismos não descaracteriza a universalidade e autonomia do fenômeno. Nesse sentido, Silva enxerga os fascismos “enquanto regimes autoritários antiliberais, antidemocráticos e anti-socialistas” (SILVA, 2005: 118).

Outros autores são mais restritivos na classificação dos casos de países que apresentaram regimes fascistas. Francisco Falcon estabelece uma diferenciação entre regimes

fascistas, autoritários e totalitários. E enquanto Silva afirma que o caso italiano experimentou o totalitarismo, já que o próprio Mussolini o afirmara, Hannah Arendt é categórica ao afirmar que “a ditadura fascista na Itália não tinha caráter totalitário algum” (ARENDRT apud FALCON, 2008: 18).

Numa definição mais acurada Robert Paxton acredita que

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (PAXTON, 2007: 358 - 359).

Esse movimento se tornou um regime político ideológico que influenciou países como França, Inglaterra, Romênia (onde os fascismos que só existiram enquanto movimentos ou partidos), Espanha e Portugal (que chegaram ao poder e desaguaram em regimes autoritários (pós-1945 Franco e Salazar), Alemanha, Hungria, Croácia, Itália (tomaram o poder e foram extintos com a derrota de 1945). Para que o fascismo se desenvolvesse e chegasse ao poder era preciso que o país oferecesse condições para tanto. Michel Mann indica alguns fatores como a crise econômica que “surgiu no final da Primeira Guerra e, depois, novamente com a grande depressão de 1929” (MANN, 2008: 34). A crise militar já que a guerra trouxe perdas territoriais e um ambiente geopolítico instável. Uma crise ideológica, na qual conservadores atacavam a modernidade e o liberalismo, e as crises políticas que “foram as mais decisivas” (MANN, 2008: 35).

As crises também são apontadas por Daniel Sasson como motivações decisivas para a ascensão do fascismo na Itália. Sasson pontua que a crise italiana de 1922 colocou em cena vários protagonistas. Mussolini queria ser o líder supremo e sabia que precisava convencer a todos, mas seu caminho nem sempre foi glorioso. Sasson mostra a trajetória do Duce até a chegada ao poder, em 1922, e ressalta que no início de 1919 Mussolini não tinha um partido e seu único instrumento político era o jornal *Il Popolo d'Italia*. Em 23 de março de 1919 menos de 200 pessoas se reuniram na *Piazza San Sepolcro* em Milão para lançar o movimento fascista.

Mas as canções encontradas por Yambo não apresentam um homem que traçou um caminho difícil, mas a de um líder nato, que merecia ser respeitado e amado pelos italianos. Uma das canções, “Juventude”, incitava a seguir para os campos de batalha “por Benito

Mussolini. Eia Eia Alalá” (ECO, 2005: 174). Outra canção menciona a disposição que todos deveriam ter em morrer pela Pátria e pelo Duce

*Duce, Duce*  
Quem não saberá morrer?  
O juramento quem renegará?  
Despe a espada!  
Quando quiseres  
Galhardetes ao vento  
Todos iremos a ti.  
Armas e bandeiras  
Dos antigos heróis,  
Pela Itália, oh *Duce*,  
Faz balançar ao sol

E vai, a vida vai,  
Consigno nos leva  
E nos promete o porvir

Uma máscula juventude  
Com romana vontade combaterá (ECO, 2005: 186)

A juventude é constantemente incitada à luta. Sasson acredita que a simpatia dos colegiais e universitários para com os fascistas residia no fato destes irem contra o que os estudantes mais detestavam: “liberais, socialistas, católicos, o Parlamento, os sindicatos, o bolchevismo e todos os fatores que parecem limitar a liberdade desses grupos, essencialmente de classe média baixa” (SASSON, 2009: 108).

Para recriar o ambiente em que ouvia as músicas, Yambo colocava os discos no gramofone e ligava o rádio que não funcionava, mas acendia as luzes. O rádio parecia ser dos anos 30 e devia ser caro,

era um belo Telefunken cor de mogno ..., com alto falante forrado por um tecido de fios grossos ... Ao lado do alto-falante, o dial com as estações, escuro e ilegível, e embaixo três botões. Era evidentemente um rádio de válvula, e agitando-o ouvia-se alguma coisa chacoalhar lá dentro. Ainda tinha o fio com a tomada (ECO, 2005: 167).

Simulando que estava ouvindo do rádio, procurou reavivar a memória. Tentou organizar os discos por data. Encontrou discos com hinos fascistas, reunidos pelo avô com um barbante. Inquietava-se “Meu avô era fascista, ou antifascista, ou nenhum dos dois?” (ECO, 2005: 173). Yambo encontrou discos de Jazz italianizado, “todos sem letra, menos a de São Luís, bem sem graça, para não denunciar a origem de uma música tão pouco ariana” (ECO, 2005: 263).

Giani, um amigo de infância, contou por telefone que durante a guerra, a cozinha era o local de aquecimento da família e o rádio foi para lá também. À noite com volume baixo ouviam a rádio Londres. Fechavam-se em casa e cobriam os vidros com papel azul. Yambo ouvia hinos e canções alternadamente em 1991, pois devia ser assim no rádio na década de 40. E procurando recriar tal ambiente passou

das tulipas ao hino dos Balilla e mal coloquei o disco, segui o canto como se recitasse de memória. o hino exaltava aquele jovem corajoso (fascista antecipado, visto que, como sabem as enciclopédias, Giovan Battista Perasso vivera no século XVIII) que lançara uma pedra contra os austríacos desencadeando a revolta de Gênova (ECO, 2005: 173).

O personagem de Eco confessa que bastou ouvir as canções dos Balilla para acompanhá-las sem dificuldade. Na Itália eram organizadas várias associações de crianças e adolescentes que eram educados para servir à Pátria. A “Ópera Nacional Balilla” iniciou em 1926 e era constituída por garotos de 8 a 13 anos, em seguida, entre os 14 e 18 anos os adolescentes faziam parte das associações dos “avanguardisti”, e depois finalmente seriam soldados. Os jovens eram educados para a guerra.

A educação de Yambo mantinha a presença fascista até na alfabetização. No livro da 1ª série o livreiro encontrou o ensino do alfabeto com “eia, eia, alalá”... “Para o B havia palavras como Benito, e uma página dedicada a Balilla” (ECO, 2005: 183). Daniel Sasson menciona alguns traços do simbolismo fascista, como por exemplo os

grosseiros insultos a adversários, os cânticos, exclamações bizarras e totalmente destituídas de sentido como ‘Eia, eia, alalá (grito de guerra supostamente usado pelo coro nas tragédias gregas), o exibicionismo machista, o óleo de rícino despejado goela abaixo dos adversários para calar toda forma de discordância, o desejo de chocar o establishment herdado dos futuristas (SASSON, 2009: 60 - 61).

As várias formações juvenis fascistas deviam incutir nos pequenos o desejo de se tornar um combatente. O sonho da criança era fazer os exercícios como um “soldadinho do Duce”, ser corajoso, receber muitas medalhas. Os livros relacionavam os balilla a anjos. Os balilla sonhavam em defender a Pátria quando adultos, mas já recebiam obrigações durante a infância.

Caro Papai te escrevo e minha mão  
Quase treme, tu compreendes.  
Há tantos dias estás distante  
E onde vives já não dizes.  
As lágrimas que banham minha face  
São lágrimas de orgulho, acredita.

Vejo que um belo sorriso abres,  
O teu Balilla estreitas nos braços.  
Eu também luto, também faço minha guerra,  
Com fé, com honra e disciplina  
Quero que germine a minha terra  
E cuido da horta toda matina ...  
A pequena horta de guerra!  
E peço a Deus  
Que vale por ti, papai dos sonhos meus.” (ECO, 2005: 199).

Os Balilla eram ensinados a, mesmo diante da falta de notícias, ter orgulho dos pais que estão na guerra, e também a cultivar uma pequena “horta de guerra” em casa. Esse seria um indício de que se passava fome na Itália. Num outro caderno Yambo viu que o professor pediu para que os alunos anotassem que os ingleses eram o povo das cinco refeições. Para uma população que estivesse passando por privações, essa informação devia gerar alguma indignação.

Aos sábados, Yambo e os colegas da escola eram obrigados a comparecer às reuniões do sábado fascista. Os garotos ficavam enfileirados fardados, eles deveriam recitar o juramento, “o centurião dizia: ‘Em nome de Deus e da Itália, juro executar as ordens do Duce e servir com todas as minhas forças e, se necessário, com meu sangue, a causa da Revolução Fascista. Vocês juram?’ E todos deviam responder: ‘Eu juro!’” (ECO, 2005: 322). Os cadernos não registram o período de 1943 em diante, Yambo supõe que talvez fosse proibido falar sobre o assunto.

Yambo se questiona se ele amava o Duce. Ele encontrou uma redação da 5ª série, datada de 1942, ano XX da Era Fascista. “TEMA – ‘Jovens, deveis ser por toda a vida a guarda da nova heróica civilização que a Itália está criando’ (Mussolini)” (ECO, 2005: 206). No desenvolvimento Yambo fala animadamente sobre as qualidades dos Balilla, “meninos de hoje, soldados de amanhã” (ECO, 2005: 207). Yambo percebe que não apenas as crianças, os adultos também eram educados para desenvolver e demonstrar o amor à pátria a qualquer custo, inclusive se fosse preciso derramar sangue, “no culto do horror éramos criados” (ECO, 2005: 208).

Esse tipo de criação seria a raiz da negação do outro, segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva. O referido autor acredita que a frieza e falta de amor diante do outro possibilitaram Auschwitz, a matança de índios no Brasil e México. A educação e o incentivo ao culto de uma modernidade brutal contribuíram para essa frieza. “em suma, ser duro consigo abriria o caminho para ser cruel com o outro” (SILVA, 2005: 154).

Dentre os achados de Yambo estavam vários quadrinhos das décadas de 30 e 40, que também constituíam uma narrativa sobre o fascismo. Entre 1932 e 1941 a censura impôs a

italianização das histórias. O *corriere dei Piccoli*, conhecido como *Corrierino* falava de “glórias fascistas e de universos fantásticos povoados de personagens fabulosos e grotescos” (ECO, 2005: 228). Os quadrinhos estrangeiros foram modificados, mas o gato Félix e outros personagens se moviam em paisagens americanas. Yambo acredita que começou a perceber acontecimentos relacionados à guerra a partir dos quadrinhos de Walt Disney. Em dezembro de 1941 a Alemanha e Itália declararam guerra aos Estados Unidos.

A partir de então, os balões dos quadrinhos foram substituídos por legendas sob os desenhos. Personagens americanos também foram substituídos por imitações italianas. “Mickey foi assassinado”. De uma semana para outra as aventuras do Mickey passaram a ser vividas por um tal “Toffolino, humano, não mais animal, sempre com quatro dedos na mão como os animais antropomórficos de Disney, e seus amigos continuavam a se chamar Mimma, em vez de Minnie, e Pippo” (ECO, 2005: 234). Repentinamente os americanos se tornam maus.

Num número de “Aventuroso” intitulado “A destruição do mundo” aparece o herói e um “ditador cruel e impiedoso, Ming, de nomes e traços diabolicamente asiáticos” (ECO, 2005: 236). Os heróis dos livros escolares e revistinhas se batiam pelo Duce. Apesar de ter lido muitos livros, Yambo acredita que era “nos quadrinhos que constituía, com muito esforço, uma consciência civil” (ECO, 2005: 242).

Havia também “o gigante Dick Fulmine, de maxilar voluntarioso e mussoliniano, que ao som de punhos destruíra malfeitores de origem certamente não ariana, como o negro Zambo, o sul-americano Barreira e, mais tarde, um Mandrake mefitosfelizado, maligno e criminoso” (ECO, 2005: 243). Os Camisas Negras aparecem como salvadores e civilizadores. Já a revista “A misteriosa chama da rainha Loana”, não passava de uma história boba. O que ficou marcado em sua memória foi o título, não a revista.

Eco mostra vários meios que eram utilizados para amarrar o homem ao Estado. Yambo reconhece que entre jazz, John Wayne e quadrinhos aprendeu quando criança a “maldizer os ingleses e defender-se dos negrões americanos que queriam emporcalhar a Vênus de Milo e, ao mesmo tempo, bebendo as mensagens que me chegavam da outra margem do oceano” (ECO, 2005: 263).

Ao recobrar a memória Yambo se dá conta de que seus pais o instruíam quanto ao comportamento em público. Sobre as redações escolares, sua mãe lhe ensinou que qualquer que fosse o tema, seria sobre o Duce e a guerra, então era preciso preparar frases de efeito. Yambo recebe instrução para exaltar o Mussolini e a guerra nas redações escolares. Seu avô, um jornalista perseguido pelas brigadas negras, foi uma vítima do óleo de rícino aplicado aos

que não concordavam com os fascistas. Ele precisou esperar a queda de Mussolini em 1943 para voltar a expor o que pensava.

Assim, o romance não traça a trajetória de Mussolini e seus camisas negras rumo ao poder na Itália. A obra está mais preocupada em expor as experiências e as impressões de uma pessoa comum diante de um homem e um regime político que prometia salvar o país. Bombardeados por notícias, canções, discursos do Duce e uma educação de louvor à guerra, ainda assim as pessoas faziam escolhas. A História coletiva nem sempre corresponde às aspirações individuais. Estas se rebelam, fogem às regras e dão margem à possibilidade.

### Referências Bibliográficas:

- ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann; posfácio Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ECO, Umberto. **A misteriosa chama da rainha Loana**: romance ilustrado. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FALCON, Francisco José Calazans. *Fascismo – novas e antigas idéias*. In: PARADA, Maurício. **Fascismos**: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. pp. 11-28.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4 ed. Trad. Irene .Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- MANN, Michael. *A ascensão e a queda do fascismo*. In: PARADA, Maurício. **Fascismos**: conceitos e experiências. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. pp. 29-44.
- PAXTON, Robert. O. **A Anatomia do Fascismo**. Tad. Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SANTOS, Viviane Teresinha dos. Inventário Deops: módulo V – Italianos. **Os seguidores do Duce**: os italianos fascistas no Estado de São Paulo, Imprensa Oficial, 2001.
- SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Fascismos*. In: FILHO, Daniel Aarão Reis, FERRIRA, Jorge, ZENHA, Celeste (orgs.). **O século XX**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. pp. 109-164.